DESCOLONIZAÇÃO DAS FORMAS DE EXPRESSÃO NAS LITERATURAS BRASILEIRA E ANGOLANA: MARCELINO FREIRE E ARNALDO SANTOS

JAIRO FERREIRA DE SOUZA

RESUMO
O presente artigo realiza uma análise comparativa entre os contos "A menina Vitória", do escritor angolano Arnaldo Santos, e "Nossa rainha", do autor brasileiro Marcelino Freire, com o objetivo de investigar os recursos formais e estéticos utilizados na descolonização das formas de expressão. A pesquisa fundamenta-se em uma metodologia de crítica literária que privilegia a perspectiva do oprimido em detrimento da do opressor, examinando a mudança de cenários e a construção de personagens que desafam a norma culta e os padrões eurocêntricos. No caso da obra de Arnaldo Santos, o estudo foca no drama da aculturação imposta na Angola colonial, onde o protagonista Gigi sofre pressões sociais para abandonar sua cultura e o idioma Kimbundu em favor de um modelo civilizatório estrangeiro. Paralelamente, a análise do texto de Marcelino Freire expõe a introjeção de valores brancos e ricos através do fenômeno midiático no Brasil contemporâneo, exemplifcada pelo desejo de uma criança de classe baixa em se tornar a apresentadora Xuxa. Os resultados da análise demonstram um movimento pendular entre o conformismo e a resistência em ambas as narrativas: enquanto os personagens tentam mimetizar o colonizador para obter aceitação social, emergem tensões linguísticas e comportamentais que revelam a impossibilidade de um apagamento identitário total. Conclui-se que ambas as obras transcendem o relato individual para documentar o confito entre a herança local e a imposição de modelos estrangeiros, evidenciando que a imitação do pensamento colonizador não contribui para a real emancipação do sujeito, mas sim para a perpetuação de um ciclo de silenciamento e cegueira sobre a própria condição.

PALAVRAS-CHAVE: literatura comparada; descolonização; resistência cultural; Arnaldo Santos; Marcelino Freire.

INTRODUÇÃO

A literatura produzida em contextos pós-coloniais ou marcados pela herança da diáspora africana frequentemente assume o papel de espaço de resistência e afrmação cultural. O presente artigo propõe uma análise comparativa entre os contos "A menina Vitória", do autor angolano Arnaldo Santos, e "Nossa rainha", do escritor brasileiro Marcelino Freire, com o objetivo primordial de investigar os recursos formais e estéticos utilizados na descolonização das formas de expressão herdadas do colonizador. Fanon (2008, p. 33), investigando a psicogênese do homem negro e estendendo esse pensamento a qualquer colonizado, afrma que “falar é existir absolutamente para o outro”. Ele discorre a respeito da importância da linguagem na compreensão do desenvolvimento do complexo de inferioridade que acompanha o colonizado. Para ele, “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco” e é a linguagem que dá a compreensão “da dimensão para-o-outro do homem de cor”.
De acordo com Fanon (2008, p34),

> Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.

Nesse sentido, na visão dele, quando se fala um idioma, assume-se também uma cultura e, consequentemente, suporta-se o peso de uma civilização. Desse modo, para o homem colonizado, a posse da linguagem da metrópole seria uma ferramenta de poder e uma tentativa de escapar de uma suposta selvageria. “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.” (p.35)
Segundo o mesmo autor, a linguagem funcionaria como um instrumento capaz de permitir a ascensão, de modo que o colonizado tende a acreditar que será mais parecido com o colonizador à medida que tiver maior domínio de sua língua. Adiante, poderá ser notada a cons-

tante batalha da personagem do texto de Arnaldo Santos para falar o português corretamente, algo visto, nesse contexto, como necessário para a obtenção do prestígio social. É a demonstração de que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um campo de batalha onde se manifestam o complexo de inferioridade do colonizado e o narcisismo do colonizador.

Ainda citando Fanon, o preto é afetado por uma psicopatologia, sofrendo alienação e distúrbios psíquicos gerados pela estrutura colonial. A sociedade racista molda o inconsciente do indivíduo, impondo seu modo de ver através da cultura, seja na literatura ou o cinema, por exemplo, de modo que o jovem negro que consome esses conteúdos, introjeta a cultura branca, projetando o mal e a selvageria no negro e a bondade e beleza no branco, tal como se poderá observar na fxação da personagem de Marcelino Freire em ser branca.

A obra de Arnaldo Santos, inserida na produção angolana da década de 1960, refete as bases do anticolonialismo e o drama da aculturação imposta, exemplifcado na trajetória do personagem Gigi, que sofre pressões para abandonar o Kimbundu e as raízes do musseque em favor de padrões europeus. Paralelamente, Marcelino Freire, em Contos Negreiros, retrata a "rapa" social e a violência do Brasil contemporâneo, expondo como a introjeção de valores da elite branca ocorre através do fenômeno midiático, simbolizada pelo desejo da protagonista em ser a "Xuxa".

A pesquisa fundamenta-se na análise das narrativas a partir da perspectiva do oprimido, examinando como ambos os autores desafam a língua portuguesa dita culta por meio de vocabulários populares, oralidade e o uso de expressões locais que marcam a cor da pele e a resistência identitária. Através deste movimento pendular entre o conformismo e a resistência, o trabalho busca demonstrar que a mera imitação do pensamento colonizador não promove a emancipação do sujeito, mas sim a perpetuação de um ciclo de silenciamento.

Ainda assim, será possível observar como a cultura popular, de modo original e em suas particularidades, apresentam uma complexidade podendo opor-se ao sistema em busca da expressão de liberdade ao mesmo tempo em que adere ao status quo e que reproduz o autoritarismo das classes dominantes. Tal dicotomia, já apontada por Chauí (2004), em seu livro Conformismo e resistência é bastante visível na vida das personagens de ambos os contos o que evidencia a disputa pela construção de narrativas no contexto pós-colonial, em que se tenta escapar dos estereótipos de bom e ruim, feio ou belo, importante e não importante, impostos pelo dominador.

Dissertando a respeito da cultura popular, Chauí (2008,0p.43) aponta “a dimensão cultural popular como prática local e temporalmente determinada, como atividade dispersa no interior da cultura dominante, como mescla de conformismo e resistência”.

Na visão da autora, conformismo e resistência seriam duas faces ambíguas presentes na cultura popular, com uma oscilação entre reproduzir a ideologia dominante (o que seria o conformismo) e abrir espaços de luta, buscando identidade própria (resistência). Nesse sentido, cultura popular é observada como um campo de batalha política, podendo mudar frequentemente: o conformismo, está presente na absorção da cultura de massa e da ideologia dominante, pelas classes populares, quando estas aceitam de modo passivo as imposições que ratifcam tanto a dominação quanto o autoritarismo das chamadas elites. Já a resistência, seria a reapropriação, transformação e recusa da cultura dominante pelas classes populares. Quando estas passam a expressar os valores construídos em suas próprias dinâmicas sociais, na busca por liberdade, rejeitando a dominação e imposição da cultura dominante.

ANÁLISE CONTRASTIVA

Arnaldo Santos: Kinaxixi e outras histórias

Arnaldo Santos, intelectual luandense e membro fundador da União dos Escritores Angolanos (UEA), tem sua trajetória na literatura marcada por um mergulho profundo nas complexidades sociais do povo angolano. Com uma produção que transita entre a poesia, a crônica e o romance, destaca-se, no presente trabalho a coletânea Kinaxixi, publicado em Luanda, em 1965 e no Brasil em 1981, com o título Kinaxixi e outras prosas, obra que

evidencia uma preocupação estética e política com a linguagem. Nela, o autor promove uma mescla linguística entre o Português e o Kimbundu, utilizando a escrita como um espaço de resistência e afirmação cultural.

Kinaxixi é um bairro localizado no centro da capital de Angola, local onde o referido autor viveu sua infância e sua adolescência, motivo pelo qual é um local com muito destaque na obra de Santos, servindo de cenário para diversas de suas narrativas, a exemplo do conto “A menina Vitória”, que será objeto de análise do presente artigo. Vale dizer que sua obra se insere na produção literária angolana da década de 60 do século XX, edificada sobre as bases do anticolonialismo e da luta pela independência (RODRIGUES e CÁ).

O conto "A menina Vitória", escrito em 1965, serve como um microcosmo das pressões sociais do período colonial. Através da história do menino Gigi, o enredo expõe o drama da aculturação imposta: na busca por um "futuro promissor" moldado por padrões europeus, os pais de Gigi decidem retirá-lo de seu convívio original. Essa transição não é apenas escolar, mas uma ruptura drástica com o universo do musseque, resultando no isolamento do menino em relação aos seus pares, à sua cultura e, fundamentalmente, ao seu modo de falar.

Essa decisão familiar carrega uma carga discriminatória profunda, pois pressupõe que o sucesso social exige a negação das raízes africanas. O Kimbundu, nesse contexto, é frequentemente visto através de uma lente de alteridade — ora como algo "exótico", ora como uma ameaça por ser a "língua do Outro", incompreensível para a estrutura de poder colonial. O texto sugere que essa repressão linguística era tão sistemática que os próprios falantes nativos eram, por vezes, impedidos de transmitir a língua aos seus filhos, perpetuando um ciclo de apagamento identitário.

Dessa forma, a obra de Arnaldo Santos transcende o relato individual para se tornar uma crítica à hierarquização cultural colonial, documentando o conflito entre a herança local e a imposição de um modelo civilizatório estrangeiro que buscava silenciar as vozes tradicionais de Angola.

Marcelino Freire em Contos Negreiros

O livro citado, publicado em 2005, pela editora Record, foi vencedor do Prêmio Jabuti de literatura, em 2006, coroando o trabalho do autor, que tem grande destaque no cenário da literatura contemporânea, sobretudo como contista. Além dessa obra, publicou Angu de Sangue, em 2000 e Balé Ralé, em 2003, ambas pela Ateliê Editorial; e Racif – Mar que arrebenta, em 2008 pela editora Record, todos livros de contos. Alguns dos contos de Marcelino Freire foram adaptados para teatro, TV e cinema e, além disso, o autor tem publicações internacionais e participa ativamente de saraus, oficinas de criação literária etc., “é um grande agitador cultural” (NAZARIAN, 2008, p. 3). Freire nasceu no ano de 1967 em Sertânia, alto sertão de Pernambuco e reside em São Paulo desde 1991, ano em que veio de Recife.

O contar curto é uma das características principais do autor e tem se refletido em toda a sua produção: “o cabra mal começa, acabou-se (...) a gente lê voando, priu, num sopro” (SÁ, 2005, p. 2); doce, porém duro, é a “prosa-rapadura” (SÁ, 2005, p. 2). Doce pela facilidade no contar, na rima que vem sem compromisso; e dura justamente por retratar a “rapa” social, a gente que vive da rapa, com as migalhas do bolo. Se o conto vence por nocaute (CORTAZÁR,2020), nos textos de Freire isso acontece no primeiro round. No livro citado são dezesseis contos, ou cantos – como grafa o autor – curtíssimos, enxutos, nos quais a violência social no Brasil e suas consequências são marcadas com todos os grifos.

Negreiro é termo adjetivo do navio que trazia os negros africanos para serem escravizados em nosso país, e isso nos traz um dado importante para a leitura dos textos contidos no livro em questão: tudo o que nele é retratado é de herança colonial. E mais, a parcela excluída da sociedade tem raça, dimensão que nos é dada já no conto de abertura, Trabalhadores do Brasil, em que além de Zumbi são citadas várias divindades de religiões de matriz africana e, posteriormente, no conto que encerra o livro, Yamami, cujo enredo é construído em torno dos pensamentos de um europeu lastimoso, regressado das férias no Brasil, pela distância que se encontra de sua “indiazi-

nha", prostituta de 13 anos. Entre o conto de abertura e o de encerramento do livro, citados acima, há uma tensão entre o grito e seu silenciamento: de um lado temos a personagem com consciência de si e de sua situação social e ancestral, do lugar que lhe é reservado; de outro, o país com a bunda de fora, pra bem dizer, em que o poder público não garante a dignidade mínima daqueles que seriam seu futuro. Há modos de se posicionar frente à exclusão e a criminalização, ao preconceito etc. e os Contos Negreiros nos apresenta vários modos de viver a partir da diáspora africana e do amálgama de que o Brasil é resultado.

A descolonização da escrita: Nossa rainha e Menina Vitória

Com relação aos recursos formais e estéticos utilizados por ambos os autores na descolonização das formas de expressão herdadas do colonizador, destaca-se o fato de os autores elaborarem suas narrativas do ponto de vista do oprimido e não do opressor, o que inclui mudança de cenário e tipos de personagens. Além disso, em Nossa rainha, podemos verificar a utilização de um vocabulário muito mais próximo da modalidade popular da língua oral do português do Brasil. Por exemplo, poderíamos citar as frases curtas que compõe todo o conto; a introdução das falas das personagens no meio das do narrador sem propriamente caracterizar um discurso indireto livre e sem a marcação da pontuação que indique início e término de fala; o uso de expressões como "a menina parecia uma lombriga. Porque nasceu desmilinguida", "medo que a filha tivesse um troço"; utilização de dito popular "quem não pode se sacode"; utilização de palavrão "puta que pariu!". Tudo isso contrariando o que prevê a língua portuguesa dita culta. Em A menina Vitória, de modo semelhante, o autor utiliza de expressões não padrões para a língua escrita, como "mulatinha fresca e muito empoada", "cara de puco", etc., além de destacar um pouco da paisagem local quando fala da atitude do menino Gigi de tentar esquecer "o colorido vivo das penas dos maracachões, dos gungos, dos rabos-de-junco".

Em Nossa rainha, de Marcelino Freire, um narrador conta a história de uma mulher moradora de um morro, provavelmente carioca, que se vê desesperada com o fato de sua filha dizer insistentemente que quer ser Xuxa. A menina, seja brincando com suas bonecas ou "com as pedras do morro", falando com sua mãe ou com outras pessoas, sempre repete a mesma frase: "eu quero ser Xuxa". A mãe por sua vez, faz de tudo para tentar atender minimamente ao desejo da filha, embora saiba da impossibilidade.

A mãe é empregada de alguém que mora no Leblon, portanto rico, e vive "da ajuda do povo". Nutre ódio, raiva pela apresentadora de TV a ponto de desejar dar "uma surra bela para ela tomar jeito". Ainda assim, ao saber que, por parte da filha, que Xuxa irá se apresentar no morro, a mãe enfrenta o calor "e o empurra-empurrão, além de gritar também pelo nome de Xuxa.

Nesse conto temos a genuína imitação (ou tentativa de fazê-la) do colonizador marcada pela expressão "eu quero ser Xuxa". A menina que ainda não tem nove anos completos está num processo de introjeção dos valores dos brancos ricos, transmitidos, nesse caso, sobretudo, pela televisão. Assimilar os valores do opressor torna-se, então, uma necessidade, que se desdobra em outras como, por exemplo, assistir a filmes e apresentações da apresentadora de TV e, o que acelera esse processo de introjeção de valores e a mimetização do pensamento do colonizador.

Quando se observa a personagem da mãe, percebe-se um movimento de conformismo/conformidade e resistência: pensa em fazer um book para a filha. Não tendo dinheiro para isso, recusa-se a "bater na porta da Rede Globo"; mesmo vivendo "da ajuda do povo", leva a filha ao cinema para ver os filmes lançados pela apresentadora. Mas, numa posição de resistência, questiona a atitude de Xuxa, ainda que para si própria, e troca o "Padre Marcelo" por um pai-de-santo; chega a pensar em dar uma surra na apresentadora, mas, em conformidade com a situação, acaba faltando ao serviço, embora com remorso, para levar a filha para ver Xuxa no morro. Ainda dentro dessa conformidade, resiste ao gritar para Xuxa fazer a menina "pensar em outra coisa, sonhar com os pés no chão". A expressão "eu quero ser Xuxa" aparece a todo momento, como que martelando na cabeça da mãe – e, por extensão, do leitor –, ao todo são oito recorrências da

mesma frase, dando a sensação do próprio processo midiático de construção de ídolos, por meio da insistente aparição das fguras de quem se quer consagrar. Tal processo fca ainda mais explícito no trecho seguinte: “O que a Xuxa está pensando? O que Padre Marcelo está pensando? Que tanto disco à venda, que tanto boneco, que tanta prece! Tenha santa paciência!”. Nesse trecho, o autor expõe também o valor de mercado que adquire a imagem do ídolo. Tanto Xuxa, quanto padre Marcelo vendem quaisquer mercadorias produzidas a partir de suas imagens, no caso do último, vende, inclusive, preces.

Em A menina Vitória, de Arnaldo Santos, o processo de imitação do colonizador e de suas ideias é bastante presente nas personagens de modo geral. A menina Vitória é professora da 3ª classe do colégio do Pucha Beatas, para o qual Higino, o Gigi, protagonista do conto, é transferido, “no meio do ano letivo (...) por causa dos piolhos da escola 8 e da prosódia, em que os professores o achavam muito fraco”. Formada na Metrópole, a menina Vitória é o exemplo da imitação do colonizador e de suas ideias, quer branquear-se inclusive externamente pela maquiagem: o “pó-de-arroz nas faces”, os “lábios pintados” e “linhas muito defnidas dos seus contornos que pareciam emoldurar o batom”, “sobrancelhas aparadas e fnas” afastando-se “das órbitas por um traço de carvão” e isolando “uns olhos castanhos barrentos como a água do Quinaxixe”.

Além disso, dispensava um tratamento agradável aos meninos brancos – “durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de uns meninos que se sentavam nas primeiras flas” -, ao mesmo tempo em que perseguia Matoso, caricaturizando-o por ser negro no tom da pele e culturalmente. No conto inteiro os valores do colonizador são tidos como bons, que se devem imitar, apenas Matoso e, posteriormente, Gigi farão oposição a isso.

A via estruturadora do enredo é a questão assimilação/imitação do modo de falar do colonizador. Não por acaso, uma vez que a língua é, em alguma medida, a materialização/tradução do pensamento, ou seja, a partir da submissão à língua do dominador, submete-se à sua cultura, a seu modo de pensar. Nota-se, por exemplo, que Gigi é transferido para outra escola, como foi citado acima, pela sua prosódia (além da questão dos piolhos), seu pai, o Sr. Sílvio Marques, era “muito cuidadoso a fechar as vogais” e “ralhava severamente o Gigi sempre que lhe ouvisse algum desconchavo”, seus amigos (os do pai) comentavam as incorreções do Gigi.

Embora a questão da aparência, tipos roupa e comportamento tenham certo peso no julgamento referente a estar mais próximo do colonizador, como é o caso da perseguição da menina Vitória com relação a Matoso, a professora fca mais azeda com o menino quando ele, numa ocasião, lhe responde “distraidamente em quimbundo”. A palavra Muxixeiro na redação de Gigi é considerada pela menina Vitória um neologismo inferior, fazendo o garoto ser alvo de risos dos meninos da baixa, “porque na baixa não tinha muxixeiro”, tais risos produzem o silenciamento de Gigi e Matoso, sabendo da inadequação de sua redação, com relação às exigências da professora, “lia submisso”. Por fm, é também por um “defeito” na redação – “nomear [uma fgura importante do governo] com um simples artigo defnido” - que a menina Vitória coloca Gigi no mesmo patamar que Matoso.

No texto de Arnaldo Santos, encontramos também, como no de Marcelino Freire, o movimento de conformismo e resistência, no caso das personagens Gigi e Matoso. O primeiro inicia um movimento de conformismo na tentativa de arremedar a língua do colonizador e seus hábitos, esforça-se “num mimetismo impotente por imitar os gestos dos meninos da baixa”, reprime “a vontade de trepar no cimo [das acácias], para colher os botões compridos de estamas longos e curvos” como faziam seus “companheiros de vadiação do Quinaxixe”. Ao mesmo tempo, verifcamos a resistência, inconsciente, no tédio que o fazia bocejar brincando com o balanço das anteras e, consciente, ao insultar a menina vitória furioso “à tardinha quando regressava à casa”, ou gritando “pelo bairro junto dos seus camaradas do Quinaxixe a sua juventude ameaçada”.

Já Matoso dá indícios de conformismo – ou talvez, nesse caso, acuamento – ao fcar mudo sem tirar “os olhos do livro, nem mesmo quando a menina Vitória

se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao criminar outro aluno" ou ao ler "submisso sua redação". Por outro lado, seu próprio mutismo pode indicar resistência se considerarmos que o garoto se recusa a manifestar-se de um modo que não seja o seu e de seu povo, recusando a imagem do colonizador. Em sua redação, embora apresentada de forma submissa, como dito acima, "pintassilgos gorjeavam e debicavam cerejas amarelas" apesar da pressão da professora.
Com esse movimento assistimos a uma tentativa mal sucedida de imposição dos valores do colonizador. Gigi ao se deparar com Matoso não pode entender exatamente porque o colega sofre desprezo por parte da menina Vitória e continua a insistir em suas redações onde predominam a cor local e em seu comportamento igual ao dos meninos do Quinaxixe. Mas conforme tenta ser diferente de Matoso, arremedando o colonizador acaba percebendo o quão é inútil sua atitude, por mais que ele faça será sempre uma imitação. Sente, pois, "a responsabilidade da sua condição" e vergonha de não ser, naquele momento, igual a Matoso. Fica subentendo também que o mesmo processo se deu com o outro menino, até que negasse definitivamente a imagem do colonizador.
Resta dizer que a imitação do colonizador e de seu pensamento não contribui para a descolonização do imitador, sempre restam traços como nos indicam os "olhos castanhosbarrentos como a água da lagoa do Quinaxixe" e a carapinha da menina Vitória, além da impossibilidade percebida pela mãe da "Xuxa do morro" de sua filha ser um dia como a Xuxa da TV. Temos, por fim, nas duas narrativas, duas meninas cegas de sua condição de colonizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre as obras de Arnaldo Santos e Marcelino Freire permite concluir que a descolonização das formas de expressão ocorre primordialmente por meio da subversão dos padrões linguísticos e estéticos impostos pelo colonizador. As narrativas de "A menina Vitória" e "Nossa rainha" funcionam como microcosmos das pressões sociais e psicológicas que o sujeito colonizado ou marginalizado enfrenta, revelando que o processo de mimetização e introjeção de valores estrangeiros — seja pelo desejo da criança brasileira em ser a apresentadora Xuxa ou pelo esforço exaustivo do menino angolano Gigi para dominar a prosódia colonial — resulta em um doloroso silenciamento da identidade original.
Expandindo essa reflexão, observa-se que a imposição cultural obriga o sujeito negro a viver em um conflito permanente com sua própria imagem e ancestralidade, alimentando um inconsciente coletivo repleto de preconceitos. Conforme fundamentado em Fanon, o domínio da língua da metrópole é uma ferramenta de poder que o colonizado busca para escapar de uma suposta "selvageria", acreditando que a ascensão social depende da negação de suas raízes, como o idioma Kimbundu ou a vida no musseque. Nas obras analisadas, no entanto, esse movimento é complexo e pendular: há uma oscilação constante entre o conformismo e a resistência. Enquanto personagens como a mãe em "Nossa rainha" cedem à cultura de massa ao levar a filha ao cinema, elas também resistem ao questionar a validade desses ídolos e ao buscar refúgio em elementos da religiosidade afro-brasileira.
Ademais, a descolonização estética manifesta-se no uso deliberado de um vocabulário popular e da oralidade que desafia a norma culta. Freire utiliza frases curtas e rompe com a pontuação tradicional para imprimir a urgência da "prosa-rapadura", enquanto Santos integra termos locais e descrições da paisagem angolana para demarcar um território literário próprio. Essa resistência linguística expõe o colonialismo epistemológico, evidenciando que a tentativa de branqueamento — exemplificada pela maquiagem excessiva da professora Vitória — é, em última instância, um esforço inútil. Traços identitários permanecem indeléveis, como simbolizado pelos "olhos castanhos-barrentos" que a personagem não consegue ocultar.
Em última análise, os textos documentam a impossibilidade de um apagamento total das raízes africanas e da experiência da diáspora. A pesquisa demonstra que a mera imitação servil do pensamento do dominador não promove a emancipação, mas sim a perpetuação de um ciclo de cegueira sobre a própria condição. Conclui-se que a literatura de

resistência de Santos e Freire não apenas relata o trauma da aculturação, mas atua como um espaço de afirmação cultural, onde o "grito" da personagem consciente tenta sobrepor-se ao silenciamento imposto pelas estruturas de poder. Ambas as narrativas terminam por revelar que, enquanto houver a imposição de modelos estrangeiros, o sujeito permanecerá em uma busca inconclusiva por uma identidade que o sistema insiste em negar.

REFERÊNCIAS

Cortázar, Julio. Valise de Cronópio. São Paulo: Perspectiva, 2020.

Chaui, m. s. (2004). Conformismo e resistência. Org. de Homero Santiago. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Perseu Abramo.

Fanon, Frantz. Pele negra, máscaras brancas; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

Freire, Marcelino. Contos Negreiros. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

Nazarian, Santiago. Apresentação. In: Freire, Marcelino. Racif – Mar que arrebenta. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

Rodrigues, Lorena da Silva e Cá, Lourenço Ocuni. A OPRESSÃO COLONIAL ATRAVÉS DA IMPOSIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: REFLEXOS NO CONTO 'A MENINA VITÓRIA', DE ARNALDO SANTOS. Repositório institucional UNILAB, 2022. Disponível in: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/6175

Sá, Xico. Apresentação. In: Freire, Marcelino. Contos Negreiros. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

Santos, Arnaldo. Kinaxixi e outras prosas. São Paulo: Editora Ática, 1981.